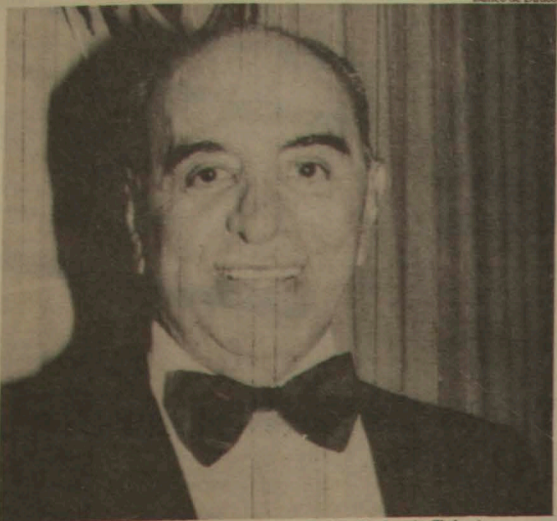


# "Vera" é elogiado pela imprensa



Roberto Marinho, presidente da Rede Globo de Televisão

## Marinho diz que Globo participará da TF 1

ANGELA MARSIAJ  
Do Reportagem Local

O empresário e jornalista Roberto Marinho, 82, presidente da Rede Globo de Televisão e diretor do jornal "O Globo", disse ontem que "era verdade a notícia" da participação das Organizações Globo na compra da TF 1, televisão estatal francesa. Ele procurou a reportagem da Folha por telefone, para corrigir sua declaração publicada na edição da última quarta-feira. Nessa declaração, Marinho dizia que a notícia era "absolutamente inverídica" e negava o envolvimento das Organizações Globo na proposta de compra ao governo francês. Ele atribuiu a discrepância entre as duas declarações ao seu desconhecimento das últimas negociações.

Segundo ele, "amigos meus que fazem parte do consórcio para a compra do canal francês guardaram uma posição para mim. Estão sendo muito gentis comigo". E acrescentou: "Mas agora, com o problema de câmbio, não é o momento para essa participação". Marinho disse estar "preocupado com o que está acontecendo no Brasil. Não há dólar nenhum no país, nem teria coragem de realizar novas idéias com essa situação".

"Meus amigos querem que eu entre com uma coisa simbólica", disse. "Estão admitindo todas as facilidades para eu entrar. Achem que sou interessante. Talvez pelo êxito da Globo". Dentre as facilidades oferecidas, Marinho citou que "estão me dando essa opção sem que eu tenha que entrar com capital".

Embora não tenha especificado como seria sua participação, Marinho não negou que a Globo pudesse entrar com parte da programação, mas lembrou que o "problema da dublagem" e seus custos poderiam

vir a ser um empecilho. Marinho também preferiu não falar em porcentagens (a Folha publicou ontem que a Globo participaria com 2,5%), dizendo que "não está nada estipulado". Perguntado sobre quem eram os amigos a que se referia, respondeu "está nos jornais" e disse que faziam parte do grupo de seu amigo Lagardère no consórcio da Editorial Hachette.

### Os contatos com Marinho

Na terça-feira passada, a Folha recebeu das agências internacionais "Associated Press" e "Reuters" a notícia de que um consórcio encabeçado pela Editorial Hachette havia entrado junto ao governo francês com uma proposta de compra de 50% das ações da emissora estatal TF 1. Segundo as agências, a Hachette participaria com 25% das ações, correspondentes a US\$ 245 milhões, (cerca de Cz\$ 7,1 bilhões) e a Globo dividiria 10% com a TV South da Grã-Bretanha e a MCA norte-americana.

Roberto Marinho foi procurado ainda na terça-feira pela reportagem da Folha para confirmar a notícia. Ele a contestou por telefone, embora não tenha negado que a Globo houvesse participado de "tentativas" nesse sentido "há muito tempo". A reportagem foi publicada na quarta-feira, com a versão de Marinho e das agências.

As 13h30 de ontem, Roberto Marinho telefonou para a reportagem da Folha. Ele disse que não sabia das últimas negociações quando falou ao jornal, dois dias antes, e pediu que fosse publicada uma nota com um esclarecimento seu. As 16h, a reportagem entrou novamente em contato com ele por telefone, quando Marinho reiterou suas últimas declarações, publicadas hoje.

LEON CAKOFF  
Crítico do Folha, de Berlim

O "dia seguinte" à projeção de "Vera", o filme nacional na competição do 37º Festival Internacional de Cinema em Berlim, não marcou tantos gols como se esperava na imprensa europeia. Diferente do furor do ano passado no mesmo festival com "A Hora da Estrela", de Suzana Amaral. Mesmo assim a imprensa de Berlim tomou a dianteira e rasgou os primeiros elogios. O "Berliner Morgenpost", o mais popular, começou elogiando a atuação de Ana Beatriz Nogueira, no papel de "Vera", uma personagem feminina reprimida na manifestação de sua personalidade masculina, dizendo que "ela expressa uma tal intensidade na interpretação que merece um prêmio". Elogia também a direção de Sérgio Toledo, dizendo que "trata o tema com delicadeza impressionante apesar de não conduzi-lo a um final feliz".

O "Wahrheit", jornal do PC local, diz que "o diretor consegue impressionantes efeitos ao transformar a sua idéia num filme com luz fria, imagens escuras (de Rodolfo Sanchez), que conseguem sugerir um clima depressivo... O roteiro é muito bem composto, a direção de câmera muito tranquila e a música (de Arrigo Barnabé) permite um contraste com as imagens".

O "Berliner Zeitung", refere-se a Sérgio Toledo como "um diretor que se preocupa sinceramente com o tema sem cair num realismo sócio-crítico. Ao contrário, consegue fazer com humor sarcástico". Quem menos gostou de "Vera" foi Hagmut Brockmann, crítico do jornal "Volksblatt Berlin", dizendo ser um filme feito à base de "meio coração" ("halbherziges"), expressão idiomática para "não muito apaixonado", referindo-se ao filme ainda como sendo "estilizado".

### Profissionalismo

Pessoalmente Sérgio Toledo enfrenta o "dia seguinte" de maneira radiante. Confessa ter recebido elogios até mesmo de membros do júri na recepção oferecida na noite de quarta pelo governo alemão às delegações participantes do festival. O elogio que mais tem ouvido é de surpresa pela seu profissionalismo apesar da pouca idade (30 anos). "As pessoas vêm falar comigo espantadas como conseguem fazer um filme assim", diz Toledo.

Ele explica: "Isto é resultado da forma que armei a produção de "Vera" —50% de capital privado e 50% da Embrafilme. Não sou nada contra o fim da Embrafilme pela experiência que tive, absolutamente democrática, sem pressões sobre o que queria ou como ia terminar. Por outro lado, eu me sinto muito responsável pelo envolvimento do capital privado. Se tive condições de chegar ao capital privado eu não posso decepcionar meus investidores".



Ana Beatriz Nogueira é a protagonista do filme "Vera", de Sérgio Toledo

Sérgio Toledo faz questão de lembrar que a Mostra Internacional de Cinema em São Paulo tem lhe dado sorte pois foi nela que seus dois filmes (o documentário "Braços Cruzados, Máquinas Paradas" e "Vera", o primeiro longa de ficção) tiveram as primeiras exposições públicas e depois correram o mundo. "O que mais me surpreende em Berlim é a reação 'boca-a-boca' a favor do filme. E espantosa a quantidade de jovens, aqui mesmo da Alemanha, que veio falar comigo sobre o filme", diz. "Sinto que ele provoca uma ligação com os jovens, provoca um sentimento, uma vontade de se comunicar que parece reprimida".

Sérgio Toledo descreve então em detalhes o final da sessão noturna de "Vera", na quarta-feira, dizendo que só a partir daí ganhou segurança: "Cheguei a Berlim muito assustado, achando que isso era um bicho-papão. Depois que assisti o filme de Chabrol ("Masques") e vi a histeria com que foi aplaudido pelo público, pensei que seria decapitado por essa mesma gente, depois que vissem o meu filme. Mas foi uma coisa emocionante. Senti que segurei a platéia (coisa rara). Não acreditei quando terminou a projeção e todo mundo gritando para ver Ana Beatriz Nogueira. Foram uns cinco minutos de aplausos só para ela. Fiquei com ciúmes. Ai chamaram no palco a Aida Leiner e Arrigo Barnabé, nos bastidores, perguntava se eu achava que ele também ia ser aplaudido. Não teve jeito. Depois ele e eu fomos ao palco e até agora estamos todos com isso na cabeça. Acho difícil ganhar o festival, mas o que aconteceu já está ótimo..."

A mídia espanhola é a mais barulhenta e agitada deste festival. Comporta-se provincianamente, filma tudo e parece puxar todas as brasas para as suas sardinhas. Lota as sessões, puxa aplausos e risadas e contagia o público todo. É a delegação que mais dá a idéia de que estamos num campeonato de futebol. A sessão do filme "La Ley Del Deseo", de Pedro Almodovar (na seção oficial, "Panorama", fora de competição, onde também faz sucesso o nacional "A Cor do Seu Destino", de Jorge Duran), foi histórica.

Não era para menos. A sinopse do filme prometia a vida de um cineasta chamado Pablo que vive um amor platônico com sua irmã, chamada Tina. Só que Tina era, antes, Tino. Mudou de sexo depois que foi violentada pelo pai e passou a viver com ele no Marrocos, motivando o divórcio dos seus velhos... Teve muito mais para o furor das platéias gay de Berlim: Pablo, o cineasta, é gay e reluta muito entre os dois jovens que ama e a própria irmã/irmão. O resultado é um filme muito engraçado e chato ao mesmo tempo. Tem piadas ótimas que nunca se encaixam nas seqüências de certa seriedade e formalismo de imagens.

A Espanha esteve presente ontem também na competição com "El Año de Las Luces", de Fernando Trueba, com os adolescentes Orge Sanz e Maribel Verdu nos papéis centrais. O amor tarado de Manolo por sua Maria Jesus, durante a Guerra Civil Espanhola, num orfanato próximo à fronteira espanhola. Sexo é a idéia fixa de Manolo. Calendário serve para ele fazer cruzinhas sobre quantas vezes se masturbou por dia. Fetichismo é o ponto nervoso do

filme. Nervoso demais a ponto de abandonar quase completamente a original curiosidade de abordar comportamentos de portugueses na fronteira de uma coisa tão louca e sangüinária como a Guerra Civil Espanhola. Mas a claque fez de tudo na sessão para fazer o filme parecer a coisa mais engraçada e genial até agora vista.

"A Morte de Empedocles", do alemão Jean-Marie Straub, 55 (que se diz francês por exílio), o outro filme de ontem na competição, provocou a maior evasão da sala entre as exposições. Para Straub isso não é novidade nenhuma. Deve ser ele o mais famoso dos cineastas menos vistos. Faz um tipo de "cinema falado" muito antes de Caetano Veloso, desde 62, com a diferença que não tem humor ou graça. A exibição provocou o pânico inusitado da equipe de tradutores que trabalha em Berlim, fornecendo traduções simultâneas para inglês, francês ou espanhol através de fones de ouvido.

Os tradutores soltaram um panfleto manifestando preocupação pelo resultado do trabalho que iam fazer pois "A Morte de Empedocles" baseado na obra do poeta alemão Friedrich Holderlin, escrita no fim do século 18, nunca teve tradução para inglês. O filme falado e parado de Straub foi uma paciente "leitura" da tragédia de Holderlin sobre um visionário poeta, doutor, filósofo e político siciliano Empedocles, que se imola no século 5 a.C. no fundo do vulcão Etna. Não foram poucos os que surtiram o mesmo fim para Straub depois da sua hipnótica sessão.

### Deserédito

Berlim, como o resto do mundo, prepara-se para o Carnaval. Imprensa sofisticada registra mais as máscaras da Veneza que as nossas escolas de samba. A edição de domingo do jornal "Berliner Morgenpost" já deu grito de Carnaval estampando, a cores na primeira página, passistas de samba brasileiros. No carnaval de Berlim, propriamente dito, haverá tradicionais desfiles de carros alegóricos, motivo para as crianças perfilarem-se comportadamente nas ruas para jogar-lhes confetes.

A bandeira do Brasil, entre todas as 22 que decoram a fachada do cine Zoo-Palast estava ontem, por ironia do destino, por um fim fio, prestes a despencar. Como se não bastasse a fama de economicamente falido, nosso deserédito aparece também na hora de se tentar fazer uma ligação telefônica a cobrar. Para o Brasil não, dizem as telefonistas, sem saber explicar porquê. Só pode ser por falta de garantias de receber depois.

Imprensa e cineastas estão assinando um manifesto durante o festival contra a nova onda de colorizar filmes originalmente em preto e branco para vender em vídeo ou TV.

## DÉCIO PIGNATARI

### Charoux

Era o mais velho da nossa Legião Estrangeira Concreta, nosso aguerrido e variegado leque xitá de mudança do estado de coisas da arte, da poesia e da cultura nacionais (sem falar na política). Houve alguns que não conheci direito: Valentino, Ludolf. Houve outros que romperam com o grupo Ruptura (que deu origem ao movimento da arte concreta em São Paulo, assim como o grupo Frente de Ivan Serpa, deu origem aos concretos tardios cariocas), devido à ferocidade da liderança de Waldemar Cordeiro, e que conheci bastante bem: Geraldo de Barros, Alexandre

Wollner. A única artista concreta paulista foi Judith Lauand, marginal dentro da marginalidade, desde os tempos heróicos. Do grupo concreto final, o nosso PC (estou falando apenas das artes visuais), o mais jovem oximoro de Charoux, era o único nome originalmente brasileiro e o único que viria a ter curso superior (de arquitetura): Maurício Nogueira Lima (o único também a militar na Juventude Comunista). Vinha então: Sacilotto, Fejer, Fiaminghi, Wladislaw, Waldemar Cordeiro, o nosso "duce" esquerdista (sempre hesitante entre

Gramsci e Stalin), era romano, filho de pai brasileiro e mãe italiana.

### Pelejas do grupo

Esquecem-me nomes, certamente, e não estou seguro quanto aos últimos quinze anos da peripécia artístico-existencial de Lothar Charoux, mesmo porque, depois de ficar enjoado do chamado mundo das letras, fiquei nauseado do chamado mundo das artes, desdenhando e esnobando galerias, mostras e bienais brasileiras durante cerca de uma década (1965-75), tempo em que me dediquei mais ao design e à semiótica.

Lembro-me de Charoux sempre solenemente, ao fim de nossas reuniões, chateado com as gritantes pelejas teórico-práticas do grupo. Austríaco

de vertente judia, foi, no entanto, o único artista que permaneceu linearmente concreto durante todo o período de turbulência do movimento op / pop norte-americano, o primeiro movimento artístico internacional a ser gerado fora do útero europeu. A bifurcação op / pop é um rebatimento, na era da Segunda Revolução Industrial, de natureza eletro-eletrônica, da cisão impressionismo / expressionismo, na era da Primeira Revolução Industrial, de natureza mecânica, fissura essa que é muito clara no confronto cubismo / dadá (o surrealismo é uma diluição psicológica de dadá) —coisa que embora de modo grosseiro, pode ser reduzida à oposição forma / fundo.

O grupo de artistas concretos foi o

nosso Santa Helena Concreto, uma tradição da arte moderna paulista, tendo Volpi servido de ponte entre um grupo e outro, entre um movimento e outro. Em que pesem as opiniões de artistas e críticos imbecis e oportunistas, nestes tempos de marketing cultural (conheci um conhecido crítico de arte que só se interessava por "dados factuais" —e que ignorava que Cordeiro estava morto há três anos), há uma tradição de ruptura e vanguarda na arte brasileira, a partir de 1918. Insisto na compração dos artistas concretos de São Paulo com o grupo Santa Helena. Não tinham formação acadêmica e transpunham para a sua arte temas e problemas de suas

atividades profissionais. Discipulo de Waldemar da Costa (tal como Fiaminghi), o estranho mestre luso da abstração nestas paragens, Charoux trabalhou a vida inteira como técnico nas indústrias Guterman, de linhas e retórcos. Quanto me lembro daqueles tempos de pintura avançada, com tintas industriais aplicadas sobre nortex (hoje eucatex), pintura a esmalte, paciente obra de fios coloridos.

Lothar Charoux já vinha destecendo sua vida e sua obra há vários anos. Assim, aqui, não consigo realizar a ligação entre fragmentos de lembranças e idéias. Mas a sua obra, crescendo, haverá de operar a costura e a sutura.

## Furtado aprova criação do Centro de Cultura

Do Sucursal de Brasília

A perspectiva de uma dotação extraordinária de Cz\$ 1 bilhão para o orçamento do Ministério da Cultura levou o ministro Celso Furtado a decidir pela construção do Centro Nacional de Cultura Brasileira, idealizado por Oscar Niemeyer a pedido do ex-ministro Aloísio Pimenta. As obras poderão começar ainda este ano e vão absorver aproximadamente Cz\$ 100 mil para a parte de fundação e projeto de engenharia.

O ministro instituiu uma comissão para apresentar proposta para organização do Centro, nos seus aspectos conceitual e de organização dos espaços. O ministro não pensa em construir a sede do ministério, também prevista no projeto, mas apenas o centro cultural que ainda não tem nome definitivo.

O ministério desde já rebate possíveis críticas e seus dirigentes não vêm razões para deixar de iniciar a obra. "Ainda estamos na fase de estudos", pondera o chefe de gabinete Angelo Oswald. "Tendo recursos, não há porque não fazer", diz o secretário-geral, Joaquim Itapary Filho, que acha que as críticas são feitas apenas porque se trata da área cultural. "O setor cultural é como um



O ministro da Cultura Celso Furtado

estômago acostumado a migalhas; quando se oferece uma feijoada, diz que não vai comer porque vai passar mal", ironizou. Segundo Itapary, a obra, "se for iniciada, não será feita reduzindo recursos de qualquer outro projeto do ministério". Ele informou que a dotação extra de recursos será 90% destinada a esses programas. O secretário não informou a origem do dinheiro, sob a alegação de que isso atrapalharia as negociações com os ministérios da Fazenda e Planejamento, mas disse que se trata de "uma linha específica de recursos adicionais do Tesouro."

BRANCO, BLACK, BLUE...

BEAUTIFUL.

Moda Brasil - jeans. Formas simples, retas... Despojamento e assimetria num look casual. A camisa é chic... a calça quanto mais surraaa, melhor. O contraste define a personalidade. Moda Infantil... jeans em diferentes estilos para a nova geração. Batik - o indigo se mistura com estamparia, compondo o estilo. E mais o jornal da Moda, com tudo que é notícia nesse mundo fashion... Moda Brasil - jeans... Branco, black, blue... Seja qual for a cor, seja do jeito que for, o jeans é beautiful. Moda Brasil - a revista de quem conhece Moda.

Nas bancas.

É EMOÇÃO